

O Rei Sapo, ou Henrique de Ferro

Nos tempos antigos, quando bastava desejar alguma coisa para que o desejo se realizasse, vivia no mundo um rei; todas as suas filhas eram mais belas umas que as outras, e a princesa caçula era tão formosa que até o próprio sol, que já vira tantas maravilhas, se admirava ao iluminar seu rostinho.

Perto do castelo real havia uma grande floresta escura, e nessa floresta, sob uma velha tília, fora cavado um poço. Nos dias quentes, a princesa entrava na floresta escura e sentava-se junto ao poço fresco; e quando lhe dava tédio, pegava numa bolinha de ouro, atirava-a para o alto e apanhava-a: essa era sua brincadeira favorita.

Mas aconteceu certa vez que a bolinha de ouro, atirada pela princesa, não caiu em suas mãozinhas estendidas, mas passou por elas, bateu no chão e rolou direto para a água. A princesa acompanhou-a com os olhos, mas, ai de mim, a bolinha desapareceu no poço. E o poço era tão fundo, tão fundo, que nem o fundo se via. Então a princesa pôs-se a chorar, chorou e soluçou cada vez mais alto e mais aflitadamente, sem conseguir consolar-se.

Chorava ela, desfeita em lágrimas, quando de repente ouviu uma voz: "Que tens tu, princesa? Com teu choro até uma pedra sentiria compaixão." Ela olhou em redor para saber de onde vinha a voz e viu um sapinho, que tinha posto para fora da água sua cabeça grossa e feia. "Ah, és tu, velho chapinhador d'água!", disse a moça. "Choro pela minha bolinha de ouro, que caiu no poço." "Acalma-te, não chores", respondeu o sapinho, "posso ajudar-te em tua dor; mas que me darás tu se eu te recuperar o brinquedo?" "Tudo o que quiseres, querido sapinho", respondeu a princesa, "meus vestidos, minhas pérolas, minhas pedras preciosas, e ainda por cima a coroa de ouro que uso."

E o sapinho respondeu: "Não preciso nem de teus vestidos, nem de tuas pérolas, nem de tuas pedras preciosas, nem de tua coroa de ouro; mas se tu me amasses e eu pudesse acompanhar-te em toda parte, compartilhar tuas brincadeiras, sentar-me contigo à tua mesinha, comer do teu pratinho de ouro, beber do teu copinho, dormir na tua caminha: se me prometeres tudo isso, estou disposto a descer ao poço e trazer-te dali a bolinha de ouro." "Sim, sim", respondeu a princesa, "prometo-te tudo o que quiseres, desde que me devolvas apenas a minha bolinha."

Mas consigo mesma pensou: "Que tolices diz este sapo estúpido! Que fique na água com os seus iguais e coaxe; como poderia ele ser companheiro de um ser humano?" Tendo garantido a promessa, o sapinho desapareceu na água, desceu até o fundo e, poucos instantes depois, voltou à superfície, segurando a bolinha na boca, e atirou-a sobre a relva. A princesa tremeu de alegria ao ver novamente seu precioso brinquedo, levantou-o e fugiu aos saltos. "Espera, espera!", gritou o sapinho. "Leva-me contigo também. Não posso correr tão depressa como tu."

Qual quê! Em vão o sapinho coaxou atrás dela com toda a força: a fugitiva não o ouviu, apressou-se para casa e logo esqueceu o pobre sapinho, que teve de voltar, de barriga vazia, para o seu poço.

No dia seguinte, quando a princesa se sentou à mesa com o rei e todos os cortesãos e começou a comer do seu pratinho de ouro, de repente: ploc, ploc, ploc, ploc! Alguém foi chapinhando pelos degraus de mármore da escada e, chegando lá em cima, começou a bater à porta: "Princesa, princesa caçula, abre-me!"

Ela levantou-se para ver quem poderia estar batendo e, ao abrir a porta, viu o sapinho. A princesa bateu a porta rapidamente, tornou a sentar-se à mesa e ficou terrivelmente assustada.

O rei, vendo que seu coraçãozinho batia forte, disse: "Minha filhinha, de que tens medo? Será algum gigante parado atrás da porta, querendo raptar-te?" "Ah, não!", respondeu ela. "Não é um gigante, mas um sapinho repugnante!" "E o que é que ele quer de ti?" "Ah, querido pai! Ontem, quando eu estava na floresta, sentada junto ao poço e brincando, minha bolinha de ouro caiu na água; e como eu chorava muito amargamente, o sapinho trouxe-ma de lá; e quando ele insistiu fortemente para que fôssemos daqui em diante inseparáveis, eu prometi; mas nunca pensei que ele pudesse sair da água. E agora está ali atrás da porta e quer entrar."

O sapinho bateu pela segunda vez e fez ouvir sua voz:

Princesa, princesa!

Por que não abres a porta?!

Acaso esqueceste as promessas

Feitas junto às águas frescas do poço?

Princesa, princesa,

Por que não abres a porta?

Então disse o rei: "O que prometeste, deves cumprir; vai e abre!" Ela foi e abriu a porta. O sapinho saltou para dentro do quarto e, seguindo os passos da princesa, pulou até sua cadeira, sentou-se ao lado e gritou: "Levanta-me!" A princesa demorava-se, até que finalmente o rei lhe ordenou que o fizesse. Mal o sapinho foi

posto na cadeira, já quis subir à mesa; puseram-no na mesa, mas ainda não lhe bastava: "Aproxima, disse ele, o teu pratinho de ouro para perto de mim, para que comamos juntos!"

Que fazer?! E a princesa cumpriu também isso, embora com evidente relutância. O sapinho devorava a comida com apetite, enquanto à jovem anfitriã o bocado não passava pela garganta.

Finalmente o hóspede disse: "Já comi bastante e além disso estou cansado. Leva-me agora para o teu quartinho e prepara a tua caminha de plumas, e deitemo-nos juntos para dormir." A princesa desatou a chorar, e teve medo do sapinho frio: até tocar-lhe lhe parecia temerário, e agora ele ainda iria repousar na macia e limpa caminha da princesa!

Mas o rei enfureceu-se e disse: "A quem te ajudou na desgraça, não deves depois desprezar."

Ela pegou o sapinho com dois dedos, levou-o para cima e empurrou-o para um canto.

Mas quando ela se deitou na caminha, o sapinho rastejou até ela e disse: "Estou cansado, quero dormir exatamente como tu: levanta-me para junto de ti, ou queixar-me-ei a teu pai!" Bem, então a princesa irritou-se extremamente, agarrou-o e atirou-o com todas as suas forças contra a parede. "Agora decerto te acalmas, sapo nojento!"

Ao cair no chão, o sapinho transformou-se num belo príncipe, de olhos belos e carinhosos. E ele tornou-se, por vontade do rei, o querido companheiro e esposo da princesa. Então contou-lhe que uma bruxa má o havia transformado em sapo por meio de encantamentos, que ninguém no mundo, exceto a princesa, tinha poder para libertá-lo do poço, e que no dia seguinte partiriam juntos para o seu reino.

Então adormeceram, e na manhã seguinte, quando o sol os despertou, uma carruagem puxada por oito cavalos aproximou-se da entrada: cavalos brancos, com penas brancas de avestruz nas cabeças, arreios feitos inteiramente de correntes de ouro, e nos estribos estava um servo do jovem rei, seu fiel Henrique.

Quando seu senhor fora transformado em sapinho, o fiel Henrique ficara tão aflito que mandou fazer três argolas de ferro e prendeu com elas o seu coração, para que este não se partisse em pedaços de dor e tristeza.

A carruagem devia levar o jovem rei ao seu reino natal; o fiel Henrique acomodou os jovens nela, tornou a subir aos estribos e estava radiante com a libertação de seu senhor dos encantamentos.

Tinham percorrido parte do caminho, quando de repente o príncipe ouviu atrás de si um estalo, como se alguma coisa se tivesse quebrado. Voltou-se e gritou:

Que foi que estalou, Henrique? Será a carruagem?

Não! Está intacta, meu senhor... Mas foi

Uma argola de ferro que se rompeu no meu coração:

Ele sofreu tanto, meu senhor, por ti,

Por teres estado encerrado no poço frio

E condenado a permanecer para sempre como sapo.

E mais uma vez, e outra vez ainda, algo estalou durante a viagem, e o príncipe, nessas duas vezes também, pensou que a carruagem se estava a partir; mas eram as argolas no coração do fiel Henrique que se rompiam, porque seu senhor estava agora libertado dos encantamentos e era feliz.